

101¹ Palavras para falar de livros

Maria Vitória de Sousa

Durante a leitura de obras de literatura na escola falamos dos autores e das obras, conduzimos o conhecimento do livro como objeto, desde a sua criação à edição, mas esquecemos os tradutores, aqueles que nos dão a ler obras que nos ficariam distantes porque escritas em línguas que não dominamos.

E o que fazem os tradutores quando *mudam* uma obra de autor para outra língua? Que importância podem ter na qualidade das obras traduzidas? Durante a leitura de uma obra traduzida acontece-nos, por vezes, estranharmos o texto ou o contexto: sentimos que algo é diferente, distante da nossa existência habitual; o significado aproxima-se, mas não nos convence. Tal pode ocorrer da dificuldade de se fazer corresponder a língua e cultura do original (o ponto de partida), à língua e cultura do acolhimento (o ponto de chegada). Aos tradutores cumpre a tarefa de diluir essa distância e encontrar a correspondência, ou pelo menos uma aceitável fidelidade, entre a língua e a cultura de origem e a língua e cultura de destino, eliminando a estranheza que nos reduz o prazer de ler. Acresce a esta necessidade o trabalho de manter a qualidade literária do texto, o valor estético da obra, o estilo do autor. Os tradutores são, assim, mediadores linguísticos e culturais que merecem ser referenciados em situações de divulgação e promoção de obras traduzidas, tal como passaremos a fazer a partir de agora nas 101Palavras para falar de livros.

Adelaide

Tomi Ungerer

Tradução: Carla Maia de Almeida

Kalandraka Editora Portugal Lda., 2014

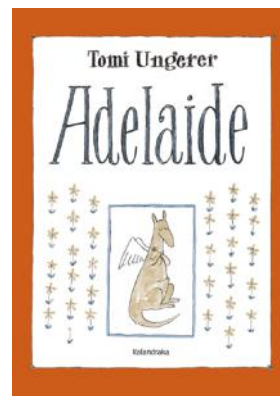
Adelaide é *uma* canguru que nasce com asas. Voar é um ato inevitável, perseguir um avião e fazer amizade com o piloto, visitar lugares exóticos são consequências felizes. Decide viver em Paris, as coisas acontecem nem sempre da melhor maneira, mas lá se compõem e torna-se uma figura famosa. O que lhe falta para ser feliz? Conhecer um canguru.

A aliança entre a imagem e o texto é um aspeto a explorar. O texto, composto por breves parágrafos que não dizem tudo, apela à interpretação da imagem correspondente. Olhamos e a nossa mente, a empatia que se gera, deleita-se na criação pessoal das omissões e o álbum torna-se uma criação do leitor. E é essa a proposta que podemos fazer aos nossos alunos, pequenos leitores. Começamos com a conversa em torno da imagem, uma só, a primeira e criamos em conjunto, em voz alta e cheia de sentimento, o episódio. O parágrafo que a acompanha pode ser o ponto de partida; pode iniciar o texto ou concluí-lo, pode surgir quando parecer melhor, à vontade do leitor-escritor, a liberdade de criação é essencial.

..., um dia deu um beijo de despedida aos pais e voou para longe.

Adelaide seguiu o primeiro avião que encontrou. O piloto ficou pasmado.

<http://www.kalandraka.com/pt/autores/detalle/ficha/ungerer/>



¹ É mesmo assim. Como 100 palavras não chegam habitualmente, decidimos acrescentar mais uma.



***Esqueci-me como se chama,
histórias e poemas***

de Daniil Harms

ilustrações: Gonçalo Viana

tradução: Nina Guerra e Filipe Guerra

Bruaá Editora, 2011

A primeira história, intitulada precisamente *Uma História*, faz-nos pensar se ainda há algo sobre o qual se possa escrever, se possa inventar: é como se o Era uma vez se tivesse esgotado na procura de personagens e acontecimentos surpreendentes porque os leitores, após as primeiras palavras, adivinham facilmente o que vai acontecer a seguir. Onde pode então residir o alimento de novas narrativas, onde

mora a originalidade? Que ótimo desafio!

São dez histórias, todas a pediram para ser lidas em voz alta e acompanhadas por risadas felizes e comentários divertidos.

O Igor pegou num lápis e escreveu:

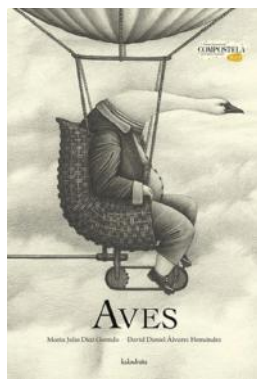
“Era uma vez um rei...”

Aqui o Igor ficou pensativo e levantou os olhos para o tecto.

A Lenotchka espreitou o caderno e leu o que o Igor lá tinha escrito.

- Já existe uma história assim – disse a Lenotchka.

<http://www.daniel-harms.com/about.html>



Aves

David Álvarez Hernández / María Julia Díaz Garrido.

Tradução: Ana Maria Noronha

Kalandraka Editora Portugal, Lda., 2012

Atrevo-me a dizer que a primeira leitura desta obra é a cor, a cor cinza que contrasta com a percepção visual colorida naturalmente suscitada pelo título, *Aves*. A profundidade e dimensão das ilustrações a grafiti, a frugalidade estrutural do texto questionam a atitude habitual do leitor. Tudo tem significado nesta obra: a textura do papel adequada à macieza das penas; a expansão da imagem transgredindo as convencionais páginas da esquerda e da direita; a densidade poética do texto; a intensidade crescente da mensagem, ou seja, a história da humanidade.

As *Aves*, de David Álvarez Hernández / María Julia Díaz Garrido surgem na lista do PNL recomendadas para o 3.º ano de escolaridade. Até que ponto tal facto irá restringir a leitura da obra em outros níveis de ensino? Ao professor-leitor, independentemente do ano de escolaridade que leciona, cabe descobrir como abordar com os alunos obras que ultrapassam etiquetas instituídas.

<https://www.significados.com.br/cor-cinza/>

<http://www.kalandraka.com/pt/colecoes/nome-da-colecao/detalhe-do-livro/ver/aves/>

Não fiz os trabalhos de casa porque...

Davide Cali

Ilustrações: Benjamin Chaud

Tradução: Rui Lopes

Orfeu negro, Lisboa, 2015



Eis um ótimo ponto de partida para um debate sobre os trabalhos de casa (TDC). Desde ilustres pedagogos até encarregados de educação que se veem em apuros para resolver problemas e responder a perguntas a que nunca tiveram de responder quando andaram na escola, as opiniões sobre o valor dos (TPC ou TDC) dividem-se. Entretanto, os professores passam trabalhos para casa (TPC), que nem sempre conseguem controlar ou corrigir, enquanto os alunos dão voltas à imaginação para arranjam justificações para o esquecimento ou desprezo pelos *deveres* (era assim que a minha mãe os apelidava!). Esta obra presta uma valiosa ajuda a todos os interessados na resolução deste problema: há desculpas deste mundo e do outro, perfeitamente plausíveis, para apresentar aos professores que não desistem de pedir TPC (ou TDC).

Um robô furioso destruiu a nossa casa.

Os elfos esconderam os meus lápis todos.

....

Tive de ajudar o meu tio a construir uma hipermáquina de fazer-trabalhos-de-casa por mim, mas depois ela não funcionou.

<http://deusmelivro.com/entrevistas/davide-cali-4-2-2015/>

<https://diasdeumaprincesa.pt/2017/09/favor-dos-trabalhos-de-casa.html>

<http://visao.sapo.pt/opinioao/em-sincronizacao/2016-04-15-O-meu-caso-contra-os-TPC>

Daqui ninguém passa

Texto: Isabel Minhós Martins

Ilustrações: Bernardo P. Carvalho

Planeta Tangerina, 2014



Quem pode ordena, mas tem de haver sempre quem obedeça sem questionar. Será que tem de ser inevitavelmente assim? O guarda armado proíbe qualquer um de passar para a página da direita reservada ao general que a ocupará quando bem lhe apetecer. A página da esquerda vai-se enchendo de personagens que reivindicam a passagem e contestam a ordem sem conseguirem demover a firmeza da sentinela. Até que, ... POING..., POING..., POING, uma bola rebola para a página imaculada e fica paradinha à espera. E então? Os meninos, donos da bola, passam sob o olhar cúmplice do guarda, a página em branco ganha vida com a multidão entusiasmada que os segue; mas o general reage e manda prender o guarda. Só que a consciência de imposições absurdas altera o modo de pensar e de agir e há ordens que não são para cumprir. Por esta poderosa mensagem, e por outras razões que os nossos jovens leitores irão descobrir, se compreende a sucessão de prémios atribuídos ao *Daqui ninguém passa*.

Mas que rebaldaria vem a ser esta? Eu disse: Daqui ninguém passa!

Prendam-no imediatamente!

Nem pensar! Ele é o nosso herói!

<https://www.planetatangerina.com/pt/noticias/daqui-ninguem-passa-vence-premio-para-a-paz-gustav-heinemann>

Conselho de Leitura da Revista *Palavras*
Sistema de Arbitragem Científica Independente
 Instruções & Princípios

1. Todos os artigos candidatos a publicação começam por ser seleccionados pelo Conselho Editorial, constituído pelo Diretor, Diretor Executivo e Editores Executivos, de acordo com os seguintes critérios: (a) adequação à linha editorial, (b) adequação às indicações editoriais e (c) correção linguística.
2. Após esta pré-seleção, cada texto é enviado a um membro do Conselho de Leitura que deverá proceder à avaliação durante as quatro semanas seguintes.
3. Os textos não podem ser enviados a membros do Conselho de Leitura com a identificação do(s) autor(es), tal como ao(s) autor(es) nunca pode ser indicada a identidade do(s) seu(s) avaliador(es), uma vez que todo o processo é confidencial.
4. Os onze tópicos avaliados pelo Conselho de Leitura, e que servem para orientar a recomendação final, são os seguintes: (a) título; (b) contextualização do problema; (c) apresentação de finalidade e/ou objetivos; (d) enquadramento teórico; (e) metodologia(s); (f) coesão e coerência; (g) extensão do texto; (h) pertinência da informação; (i) clareza de tabelas, excertos, imagens; (j) apresentação de conclusões; (k) bibliografia.
5. Os resultados da avaliação podem ser quatro: (a) aceitação do texto na forma atual; (b) aceitação do texto após pequenas alterações que são identificadas; (c) pedido de revisão profunda do texto sujeita a nova avaliação; (d) rejeição do texto.
6. Tendo em conta a avaliação do Conselho de Leitura, a decisão final sobre a publicação de textos cabe ao Conselho Editorial, no pressuposto de que o conteúdo dos textos é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Seleção de artigos para *Palavras* - revista em linha

7. A exigência de qualidade é aferida de acordo com os critérios expressos nos parágrafos 1. e 4. para a revista em papel.
8. Os autores propõem os textos à direção pelos canais já publicitados ou por outros que se venham a anunciar.
9. A seleção dos textos a publicar em cada número é da responsabilidade da direção da revista *Palavras*.
10. Eventuais correções ou revisões serão solicitadas aos autores.